

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.1501202009-18>

DOSSIÊ CENOGRÁFIAS DA VOZ, ONTOGRÁFIAS DO SENTIDO: CORPO E ENUNCIÇÃO, HISTORICIDADE E ONTOLOGIA DOSSIER VOICE SCENOGRAPHIES, ONTOGRAPHIES OF MEANING BODY AND ENUNCIATION, HISTORICITY AND ONTOLOGY

Ana Carolina Cernicchiaro (UNISUL)*

Fábio Roberto Lucas (UFPR)**

Roberto Zular (USP)***

Pensar a experiência literária ligada à **enunciação** e à **voz** nos coloca diante de um desafio que articula e transforma os campos de investigação relativos ao **corpo**, à **historicidade** e à própria **ontologia**. Afinal, a performance da enunciação literária faz se encontrarem corpos, afetos, contextos e temporalidades heterogêneas, correlacionando os diferentes materiais, linguagens e mundos que ela mobiliza e que a mobilizam. Entra-se assim em um fluxo de re-enunciações, donde deriva a noção de historicidade radical (MESCHONNIC, 1982), que coloca em questão não apenas os modos como lemos, mas a própria ontologia da escrita e da leitura, abrindo um campo de investigações que nomeamos **ontografias do sentido**. Passa por aqui uma imbricação em diversos sentidos do aparelho formal da enunciação (BENVENISTE, 1974), das heterogeneidades enunciativas (AUTHIER-REVUZ, 1984), da força performativa da linguagem (AUSTIN, 1962), da vocalidade (ZUMTHOR, 2007), do oral e do ritmo (MESCHONNIC, 1982), da equivocidade **ontológica** do signo (MANIGLIER, 2006). Em todos eles, em diferentes graus e modos, nós somos levados a uma experiência da enunciação na qual os pontos de vista e as posições enunciativas (de personagens, narradores, leitores etc.) estão sempre em descompasso, em variação no corpo-a-corpo da enunciação, do leitor e dos seres de ficção. Com isso, torna-se necessário também repensar os modos de acoplagens entre o **corpo** e a experiência literária. Nessa região ontológica equívoca, a posição-sujeito da enunciação se torna uma *expeausition*, uma vibração de um ato de pele, para falar com Jean-Luc Nancy (2000) ou ainda o lugar paradoxal da voz (LACAN, 1998; DOLAR, 2006), que percorre diferentes circuitos de sentidos e afecções (como a voz e o olhar), e os acoplam uns aos outros, reinventando as forças e formas de relação entre eles, bem como entre sensações corporais e as materialidades (da fala aos recursos digitais) acoplados à performance.

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: anacer77@yahoo.com.br.

** Realiza Pós-doutorado em Estudos Literários (UFPR). Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada (USP). E-mail: fabio.lucas@usp.br

*** Professor do Departamento de Teoria Literária e Literatura comparada da FFLCH/USP. E-mail: rzular@usp.br.

Voltamos aqui à modulação entre escalas e grandezas heterogêneas de fluxos de matéria, energia, tempo e espaço, constituindo corporalidades heterotópicas (CESARINO, 2016) ou pós-orgânicas (HARAWAY, 2016). Ora, essa ontologia relacional e equívoca da enunciação literária fricciona temporalidades heterogêneas da escrita e da leitura, o que nos conduz à **historicidade** da experiência literária, à sua dimensão histórica, não como controle do possível, mas como campo de reverberação do sentido no qual regimes heterogêneos de relação com o tempo (regimes de historicidade) são problematizados. Se a resposta à multiplicidade do signo, ao seu valor variável, ao seu sentido contextual, tem sido cínica (como um espaço anestesiado de reenvios que parecem acionar, mas, de fato, neutralizam as reconfigurações do sensível e as equivocidades enunciativas, como o conceito de “pós-verdade”), a proposta deste dossiê é radicalizar a sobredeterminação entre as séries, produzir conexões parciais e acoplagens que potencializem as implicações éticas e políticas da voz como ponto pivotante em que se articulam à enunciação literária diferentes historicidades (ou mesmo regimes de historicidade), corpos (ou regimes de corporalidade), materialidades, afetos, sentidos, regimes de imaginação e ontologias.

Abrindo-se às múltiplas questões oriundas da ecologia conceitual aqui exposta, o dossiê de artigos que o leitor de *Crítica Cultural* tem diante dos olhos é uma continuidade do simpósio homônimo sediado no XVI Congresso Internacional da Abralic, que se realizou em junho de 2019, em Brasília. As contribuições apresentadas a seguir tratam das questões propostas para aquela reunião e para esta edição da revista, enviando-nos de volta às conversas e aos debates desdobrados durante aquela semana, um ano atrás, na capital do país. Assim, essa transição não deixa de recolocar, agora para a experiência da crítica, da reflexão e da teoria literária, um dos problemas centrais que o simpósio então trazia à tona para pensar a experiência literária, qual seja, a constelação complexa de dilemas relativos à voz, ao ritmo e à oralidade atravessando, como lembra Meschonnic, a fala, a escrita e o limiar de passagens entre ambos.

Com isso, o desafio de pensar a experiência literária a partir da cenografia da enunciação e de múltiplos modos de existência, performance, tradução e inscrição da voz desdobra, faz ressoar seu campo de investigações e metamorfoses sobre os corpos, afetos, contextos e temporalidades heterogêneas dessas outras experiências, a crítica, a teoria, com as quais ela está intimamente implicada, sendo-lhes ao mesmo tempo necessariamente irreduzível. Em outras palavras, o dossiê participa do mesmo fluxo de re-enunciações no qual a performance literária encontra sua historicidade radical e os diferentes materiais, linguagens e mundos que ela mobiliza e que a mobilizam, correlacionando-se.

Nesse campo de variações heterogêneas é que se aponta para a questão das ontografias, pois as diferentes materialidades e modos de inscrição, assim como a possibilidade de ler o mundo como escrita (especialmente no caso indígena ao invés de uma “agrafia” temos uma multiplicidade de grafias). Os rastros, os gestos, os traços, as formas, as peles, os cantos passeiam entre a pele do mundo e os muitos mundos diferentes que são postos na equivocidade de sua inscrição. Sim, também as inscrições são equívocas como a escrita fonética e atravessam diferentes modos de ser (ontografias) e os diferentes modos de produzir sign-ificação (sentidos).

Por certo, uma proposta como essa acolhe contribuições bastante heterogêneas entre si, pois suas marcas não são visíveis nem no plano temático, nem nos gêneros e formas literárias, mas no intervalo subsistente entre o ato enunciativo e seus entornos contextuais, o entre-lugar em que palavras e coisas se equivocam, se friccionam, se encaixam, “proliferando combinações”, como diz Raul Antelo (1995, p. 15). Diante da tarefa, verdadeiramente impossível, de tentar organizar um encontro bastante heteróclito de artigos, procuramos destacar os cruzamentos e afinidades horizontais, que se encontram nesse limiar dos seres, da linguagem (onto-logia) e seus modos múltiplos de existência, mais do que criar grupos hierarquicamente abrangentes. Por isso, nos quatro segmentos mencionados a seguir, não faltarão reenvios e atravessamentos que os excedem e que sugere - e suscitaram em nós - uma miríade de combinações virtuais.

ONTOGRAFIAS

O primeiro segmento, “ontografias”, reúne ensaios que respondem explicitamente ao desafio - posto pela antropologia e pela escuta das filosofias, metafísicas, línguas e povos ameríndios - de repensar a historicidade e a onto-logia do que chamamos de “literatura”, especialmente no confronto com momentos cruciais da história da experiência literária brasileira. Assim, em “No fluxo dos recados: sobredeterminação e variações ontológicas em ‘O Recado do Morro’ de Guimarães Rosa e *A Queda do Céu* de Kopenawa e Albert”, Roberto Zular vem desdobrar o percurso de ressonâncias entre as duas obras mencionadas no título, estabelecido a partir de um diálogo entre José Miguel Wisnik e Eduardo Viveiros de Castro. Partindo do conceito de sobredeterminação do signo, elaborado pela releitura que Patrice Maniglier faz da linguística de Saussure, Zular percebe que o fluxo de ritmos, ressonâncias e recados agenciados em Rosa e em Kopenawa/Albert se constitui por uma pluralidade ontológica equívoca: “o signo nada mais é do que uma correlação entre mundos”. Atento à irredutibilidade mútua desses mundos correlacionados, o texto busca pensar uma leitura animista específica, que considere o caráter ontológico e intrinsecamente equívoco dos elos e comparações, ao mesmo tempo “simétricas, como equivalência de sua potência de mútua determinação; e assimétricas, como vice-versa que implica em modos particulares de significação de uma pela outra”. Na experiência dessa “reversibilidade assimétrica” entre o recado da mata (Viveiros de Castro / Albert / Kopenawa) e o recado do morro (Wisnik / Rosa / Drummond e mais), tendo como vetor uma multiplicidade enunciativa paratópica e a possibilidade de se colocar o morro e a montanha como lugares de enunciação, propõe-se “outra história para o Brasil e para a literatura brasileira que não seja a superação da ‘natureza’, das coisas, da vida, em nome de uma modernidade que desde Cláudio Manoel da Costa via as montanhas como um empecilho à grande empreitada colonizadora do latifúndio escravocrata continuada hoje pelo agronegócio” (cf. ALCIDES, 2013).

Em seguida, Alexandre Nodari apresenta “A metamorfologia de *Macunaíma*: notas iniciais” de uma pesquisa que propõe uma leitura da rapsódia Mário Andradina sobredeterminada (via Maniglier e Zular) por regimes de enunciação e imaginação heterogêneos, tal como o “ocidental” e o “ameríndio”, que se processa, como em Rosa e

Kopenawa, pela sobredeterminação de duas séries narrativas. Assim, as metamorfoses do herói expõem um universo onde “tudo já foi gente, ou está deixando de ser gente (...), a humanidade (posição de sujeito) não é substantiva, mas perspectiva, variável, pronominal: antropronominalismo: é *gente* quem se diz (ou se inclui quando se diz) *a gente*”. Com isso, nota-se em *Macunaíma* o encontro de diferentes regimes de crítica à objetivação da existência, no qual “alienação do homem em relação ao mundo, alienação da prerrogativa (subjetividade) do mundo e alienação capitalista formam uma coisa só”. Ali onde conhecer é personificar os seres, a crítica marxista se transmuta em uma crítica mítico-xamânica (pela reinvenção da potência dos mitos e pela potência mítica da reinvenção) para a qual é preciso, mais do que desfetichizar a mercadoria, “transformar o regime criativo (a poiesis) que está em sua base, o aproveitamento pelos homens das ‘forças da natureza’ (...), o antídoto ao fetichismo é o enfeitamento radical, afinal, a tomada de consciência do homem é a tomada de consciência do mundo (em todos os sentidos dessa expressão)”. Para Nodari, as metamorfoses enfeitadas e enfeitantes de *Macunaíma* trazem assim à tona, pela intenção falha de se revelar um país uno e pela célebre ausência de caráter do herói, uma multiplicidade de intencionalidades e características em variação, que atestam não existir o Brasil (como entidade nacional una e maior), mas sim subsistir brasis múltiplos, em devir menor, irreduzíveis à fractalização contínua da história da colonização.

Se Zular e Nodari, sob impacto da antropologia e do perspectivismo ameríndio, retomam dois autores cruciais da literatura brasileira do século XX, Ana Carolina Cernicchiaro, por sua vez, chega ao limiar deste primeiro segmento com “A poética indígena como resistência: por uma abertura na literatura brasileira contemporânea”, onde expõe a complexa contemporaneidade da literatura ameríndia. Compreendendo-a não apenas como arma na guerra para preservar as línguas maternas dos povos, mas também como um meio para instaurar um devir menor na língua nacional maior e desativar sua índole homogeneizadora e violenta, o artigo acompanha o crescimento da literatura indígena em português a partir dos anos 1980, com nomes como Daniel Munduruku, Eliane Potiguara e Kaká Werá. Na abordagem que fazem dos problemas eco-lógicos, nos modos de percepção da pessoa e das multiplicidades corporais, delineiam-se relações sociais que, não limitadas àquilo que o ocidente chama de “humano” ou a qualquer outra forma substancial de ser, desdobram-se entre diferentes espécies, em um agenciamento múltiplo de perspectivas, imagens e devires. Assim, a abertura que a poética ameríndia faz no modo como lidamos com a historicidade daquilo que entendemos por literatura brasileira contemporânea não só exigiria repensar conceitos e experiências como a da imagem e do ponto de vista, mas também faria à experiência literária o desafio de agenciar a coexistência possível de cosmos heterogêneos, “abrindo nosso mundo tão fechado em si mesmo para outros mundos, colocando nosso etnocentrismo e antropocentrismo em questão”. Nessas radicais ontografias dos sentidos, a própria força da arte como ação no mundo se vê renovada pela abertura que Cernicchiaro observa ser proposta pelas poéticas indígenas, força que, ao colocar em xeque as ideias por demais unívocas de literatura, nação e contemporaneidade, alia-se à r(existência) necessariamente plural dos povos.

SENTIDOS

O segundo segmento, “Sentidos”, encontra os artigos que, em ressonância com bases teóricas propostas para o simpósio e para o dossiê, fazem questionamentos que tocam a própria noção de literatura. Na primeira delas, “Literatura e Erotismo”, Marília Librandi propõe uma erótica da arte literária, que experimente o signo *tensor* sob o signo semiótico, o tesão sob as tensões, como se o texto literário só se desnudasse no seu elo com os espasmos musculares, ou ainda, na experiência de um vínculo limítrofe, inexistente no campo do que pode ser contabilizado ou contado, pois, como toda relação sexual, “não é uma substância, não é nem um, nem dois, mas o que ocorre *entre*”. Por isso, mais do que integrar o circuito de instrumentos discursivos que sublimariam um contato substancial (como falar de sublimação de algo inexistente?, diz Nancy), a literatura atuaria como um outro modo de produzir sentidos (em todos os sentidos) um reenvio a isso que ocorre *entre*, incontável, irredutível tanto ao um quanto ao dois e, por isso mesmo, desprovido de todo conteúdo substancial dado e unívoco, sendo assim apelo, um chamado, *uma enunciação sem enunciado*. Respondendo a esse chamado, o ensaio, na plena acepção da palavra, de Librandi recolhe em sua constelação a leitura de um poema de D. H. Lawrence, a elaboração de um diálogo entre Bataille, Barthes e Luhmann a respeito do discurso amoroso e da experiência erótica, o desejo de presença em Gumbrecht, o toque e a escrita impossível do “é”, do “it” em *Água Viva* de Clarice Lispector, o corpo transgênero de Diadorim/Deodorina em *Grande Sertão: Veredas*, dentre outros atores e experiências que nos ajudam não só a entender, mas também a experimentar esse modo de existência liminar, heteróclito e efêmero, que, como as nuvens, se desvanecem, intangíveis, como um mundo entre mundos. Afinal, nessa enunciação sem enunciado, “aquilo que se distingue ontologicamente - o discurso e o que está fora dele, o mundo, a vida, as pessoas - é unido hermética e herética e eroticamente”.

Na segunda passagem deste segmento, “Fronteiras e feridas na escrita de Carolina Maria de Jesus”, Mariana Patrício Fernandes sonda o enlaçamento entre as obras da escritora brasileira e suas condições sociais e existenciais, entre a escrita da vida e a vida da escrita, associação que pressionaria pela possibilidade de afirmar outra noção de autonomia literária, não mais condicionada por um isolamento em relação aos interesses da máquina econômico-produtiva da sociedade, nem pela afirmação da razão livre sobre a anarquia da sensação nem mesmo por uma superação a priori das intempéries da sobrevivência, mas que, pelo contrário, faz-se no corpo a corpo com essas, sempre em curso, sem o ponto final que marcaria a instituição da obra autônoma, separada e desinteressada, em sua acepção mais tradicional. Continuamente por refazer, radicalmente inserida no entremeio onde os planos estético e político se encontram com a história e a cultura, a autonomia visada por essa concepção renovada entrelaça a vida e a literatura, sendo ao mesmo tempo ambas e nenhuma das duas. Afinal, como diz Rancière, “a autonomia é autonomia da experiência, não a da obra de arte”; portanto, afirma Fernandes, está estritamente ligada a uma revogação do poder. Com isso, se a escrita de Carolina Maria de Jesus inscreve na cena literária “o custo dos gêneros alimentícios”, “personagens que não atravessavam o espaço da página” e “tudo aquilo que havia sido varrido”, ela não o faz como um reconhecimento discursivo abstrato, separado, que

absorveria em suas malhas conteúdos novos, antes esquecidos ou reprimidos, pelo contrário, na experiência literária autônoma aqui concebida e vivida, não se abre a possibilidade de “(co)existência de elementos postos de fora do espaço da representação” se perfaz quando tais elementos e a própria literatura se reaproximam do corpo que dança, daquele “canto fora da gaiola”, do “baile desierarquizado e performático” subjacente talvez à institucionalização jurídica, política, social de outros modos de vida.

No limiar deste segundo segmento, e bem no meio de nosso dossiê, temos a tradução de um artigo de Patrice Maniglier que teve forte impacto sobre a proposta de discussão iniciada no simpósio da Abralic e continuada nesta edição de *Crítica Cultural*. Originalmente publicado na revista *Savoirs et Cliniques*, nº 6, de 2005, “Sobredeterminação e duplicidade do signo: de Saussure a Freud” apresenta alguns dos elementos nucleares do livro *La Vie Énigmatique des Signes: Saussure et la naissance du structuralisme* (cuja tradução para o português está em curso), onde Maniglier relê a linguística saussuriana a partir dos manuscritos do linguista suíço postumamente encontrados nos anos 1990. As reflexões desenvolvidas neste artigo dão uma contribuição explícita a pelo menos quatro outros textos publicados neste dossiê, sobretudo no que diz respeito ao conceito de *sobredeterminação*. Por meio dele, mostra-se a imprecisão de uma verdadeira *idée reçue* da vulgata linguística estruturalista, a noção de signo como ente puramente arbitrário, meramente negativo e diferencial dentro de uma estrutura de diferenças reversíveis e homogêneas. Maniglier expõe que, em Saussure, esse campo diferencial só se estabeleceria em correlações com sistemas de acontecimentos qualitativos heterogêneos, que *sobredeterminam* o signo e o mantêm continuamente equívoco, aberto a novos agenciamentos e a novas metamorfoses. Isto é, não há como se estabelecer um único modo de constituição do signo e um único plano de significação: o signo é múltiplo, atravessado por muitos modos de determinação e por muitas redes significantes. É por esse complexo modo de existência que a noção de signo e de inconsciente inesperadamente se encontram (e não à toa Freud falava em um “complexo” de Édipo!).

A abertura do signo se dá pelo caráter intimamente oblíquo e heteróclito do elo entre as variações qualitativas correlacionadas: assim, não é pelo mesmo motivo que tal significado é o significado de tal significante e que tal significante é o significante de tal significado, assim como um signo corresponde a várias significações e uma significação a vários signos. Se não há metalinguagem, não há como capturar a *sobredeterminação* do signo em uma representação. Contudo, é nesse ponto que o artigo expõe a força da literatura - e de suas afinidades com a psicanálise - como saber específico sobre a linguagem. Afinal, o valor do signo, *sobredeterminado* e *sobredeterminante*, sendo irrepresentável, é, contudo, *efetuável*. O que faz a enunciação literária “não [é] propor um metadiscurso sobre a linguagem, mas explorar suas virtualidades, efetuar as *sobredeterminações* locais que definem o signo, fazer brilhar o signo em todo seu essencial equívoco”. Cada uma a seu modo, seja por transferência do destinatário, seja por sua radical ausência ou diferimento, literatura e psicanálise fariam assim emergir nos efeitos da máquina da linguagem a lógica de seus mecanismos e causas. Em tempos nostálgicos de uma determinação unívoca, somos levados aqui a entender a linguagem - e o mundo - como um espaço de variações atravessado por muitas determinações virtualmente infinitas e deliberadamente equívocas.

Chegamos assim ao terceiro segmento do dossiê, “Voz”, noção que tem sido construída por diferentes correntes do pensamento moderno e contemporâneo justamente para compreender esse feixe entre literatura, psicanálise e saber, visado no artigo de Maniglier. “Voz, potência, ressonância e corpo na linguagem poética”, de Maria Rosa Duarte, é o artigo que abre a seção com uma ampla reflexão sobre a ontologia e a antropologia da voz, em diálogo com Giorgio Agamben, Jean-Luc Nancy, Adriana Cavarero e Paul Zumthor, cujos trabalhos estão entre os mais profícuos dentro desse debate. Em seguida, o artigo procura colocar esses diferentes modos de pensar a voz à prova, experimentando aproximações com a prática da crítica literária, na leitura de dois poemas: a poesia sonora “Céu da Boca”, de Philadelpho Menezes, e o poema “47”, do livro *Coração de Boi*, de Ana Estaregui, duas produções bastante diferentes dentro do cenário da poesia brasileira das últimas décadas, mas que revelam, segundo Duarte, o eã afim de se deter no limiar, no “intervalo... entre ‘o que se escreve’ e ‘o que se gostaria de ter escrito’”, trazendo paradoxalmente à tona “a *potência da impotência* da palavra tradutora, que permanece *in-traduzível* e *in-nominável*”, no próprio ter lugar da experiência *in-fans*, como diz Agamben, “que renasce a cada performance de leitura-escritura do poético”.

No segundo artigo desta seção, “A escrita da voz nos versos do manuscrito *Notas sobre uma possível A casa de farinha*, de João Cabral de Melo Neto”, Gislaine Goulart dos Santos leva a reflexão sobre o conceito de voz justamente para esse limiar da escritura do poema, ainda em latência, nesse passo onde se cruzam as diferentes historicidades e ritmos da fala e da escrita, da vida e do poema, das técnicas tradicionais de memorização dos trabalhadores da casa de farinha e das técnicas literárias - rima toante, repetição, jogo de palavras - do poeta. Trata-se de um estudo cuidadoso de crítica genética, que coloca em questão as razões do inacabamento e a potência equívoca da escrita, fazendo um diálogo muito particular com os trabalhos de Meschonnic sobre oralidade e ritmo para entender os desdobramentos da voz na escritura de João Cabral. Assim, vemos nos manuscritos essa hesitação produtiva entre fala e escrita e o jogo sempre complexo com a proliferação das vozes e os regimes escriturais em que elas se inserem. Ao explorar os atravessamentos das vozes na tessitura compositiva, vê-se aqui a força em movimento da escritura de Cabral produzindo aquele nó apontado por Flora Sussekind entre a série e a voz.

Para terminar esta seção, “Emplasto Sísmico?”, pergunta de Gabriel Salvi Philipson, leva a reflexão sobre a voz a pensar sobre o modo como a filosofia uspiana se institucionaliza em corpo-a-corpo problemático com a literatura e suas múltiplas virulências. Trata-se de modular esse nó entre a série e a voz para abordá-lo como núcleo pivotante entre palavra e conceito, reconstruindo a cena em que é possível se pôr à escuta dos interditos - no jogo de afirmação e velamento, explicitação e negação entre a lei e a voz, o público e o privado - que vêm impor à filosofia limites impensados do que ela pode ou não ser, determinando o seu outro por meio de uma negação muito pouco dialética que sacrifica de um só golpe pensadores tão diferentes entre si quanto Oswald de Andrade e Vilém Flusser num conjunto impreciso e homogêneo de “filosofantes locais e amadores”,

“politicamente suspeitos e epistemologicamente nulos”. Ao analisar como tais interditos atravessam o diálogo transcrito no livro *O fio da meada* (1996), Philipson nota como essa voz pesada e carregada de pressupostos indizíveis ao mesmo tempo é negada e retomada pela força de sua tentativa de acomodação. Sendo bastante duro com o universo uspiano, o artigo expõe como a tentativa de produzir um lugar fora da periferia do capitalismo pela própria aceitação desse mesmo lugar cria, no gesto de autoexceção que o ataque ao bairrismo e ao provincianismo implica, um emplasto, uma sobrepele, uma camada de autoproteção que funciona pela força do que nega (a voz), absorvendo os efeitos sísmicos da própria negação escamoteada nas compressas dialéticas.

CENOGRAFIAS

Na dobra entre início e inacabamento do dossiê, chegamos enfim ao segmento “Cenografias”. Nele se desdobram estudos que procuram pensar esse lugar aporético da voz, a um só tempo contínuo e pivotante, nas cenas contemporâneas, de historicidade densa e multiplicante, em especial aquelas que se formaram durante a problemática redemocratização brasileira, tempo em que, como temos visto, transforma-se justamente a própria noção de literatura, em seus limiares e acoplagens com as provocações da antropologia e com as inquietações da filosofia.

Nessa via, delineiam-se as “Termodinâmicas do ato poético: modulações do (fim do) poema na década perdida”, de Fábio Roberto Lucas. Trata-se ali de trabalhar no campo de possibilidades ainda abertas para se pensar a poesia na década de 1980. Com esse campo mais vasto de questões e na fímbria das teorias da voz¹, Lucas propõe uma leitura de Paulo Leminski e Sebastião Uchôa Leite atenta às vibrações entre as diferentes escalas: do campo sonoro dos poemas às tensões com as tecnologias, do roçar da palavra ao resvalar de diferentes mundos, passando pelas produtivas hesitações entre ritmo e metáfora, poema e imagem, poesia e prosa. Pelas implicações da bricolagem que constitui nosso “aparelho fonador” (que não é um aparelho, nem mesmo algo específico para “fonação”), o corpo como técnica e a técnica como corpo, Lucas vê na termodinâmica do ato poético não só os elos entre caos e ordem, entropia e *autopoiesis*, mas também dilemas da soberania e da ecologia. Na análise do eco nas poéticas de Uchoa Leite e Leminski, outra política do ato poético (e outra poética do ato político!) entrelaça os campos de ressonâncias da poesia e da eco-logia, pondo em xeque a soberania do humano. É nesse campo metafísico que se põe via Agamben o problema do fim do poema, como via Danowski e Viveiros de Castro, o do fim do mundo. “O tempo do mundo finito começa”, diria Valéry, o que permite atentar para uma finitude mais cerrada no Brasil dos anos 1980, que exige dos poemas que assumam as difíceis implicações da sobredeterminação do signo (cf. MANIGLIER) e que tornam decisivas as modulações equivocadamente irreversíveis entre o ser como linguagem e a linguagem como ser, refinando e multiplicando possibilidades de combinação, metamorfose e *contradicção* entre os diferentes mundos e planos da experiência.

¹ Ver a esse respeito o dossiê *Voz* publicado nos números 18 e 19 de *Literatura e Sociedade* do DTLLC/FFLCH/ USP, no qual consta traduções do próprio Lucas de dois capítulos do *A voice and nothing more* de Mladen Dolar.

Em seguida, Fernando Mendonça Serafim adensa ainda mais as percepções críticas sobre o arco histórico da redemocratização ao tratar de um “Bartleby do Brasil: o gesto interrompido na poesia de Paulo Henriques Britto”. O artigo vê na fórmula da recusa enunciada pelo célebre personagem de Melville uma via de leitura para a poética da neutralização e da inoperosidade que o poeta agenciaria para mostrar os sedimentos “emplástricos” da redemocratização. Em suma, trata-se da recusa de um mundo, de um certo modo de funcionamento do real que articula outra posição na linguagem, como uma dupla recusa da linguagem e do mundo, como comunicação e como “real”, que permite a emergência de um complexo espaço entre agir e não agir, pondo em xeque as trocas banalizadas entre linguagem e mundo nas quais vivemos. O artigo tem o mérito de manter constantemente a dúvida, entre “preferir não” e “preferir o não”, questão complexa, dúvida que se desdobra também na análise do alcance de seus efeitos poéticos na leitura dos poemas de Britto. Entre a enunciação e o fazer, o que se faz quando se fala e o que se deixa de fazer, entre a situação de enunciação e as condições de enunciação, a cenografia enunciativa bascula ao longo do texto. A cena ficcional de fala (preferir não fazer) e a cena de leitura se atravessam e contaminam na cenografia dos poemas. Nestes, o que se propõe é um “regime de dignidade própria” dado pela abertura ao possível, poderíamos dizer até, no contexto do dossiê, a um outro mundo possível. Nesse sentido, a ideia de desnatura é uma abertura bastante interessante, na medida em que a relação com o vazio e o nada nos tira da ilusão de que, como propõe via Agamben, a passagem ao ato anule a hesitação entre fazer e não fazer. E aqui o artigo aponta convincentemente estar em jogo a produção de outra forma de soberania entre construção e destruição, entre a performance e a interrupção, fluxo e corte, que nos faria aprender algo sobre o vazio da existência, o luto e a morte e quem sabe pensar em uma forma de democracia onde essas pulsões se articulam e não são um campo polarizado entre a tentativa de formar um consenso democrático e, de outro lado, os poetas e políticos sempre à beira de um ataque autoritário.

Chegamos assim ao umbral desta última seção e do dossiê como tal, onde André Goldfeder propõe “A deusa, o cavalo: duas figuras de Nuno Ramos” como um percurso interpretativo dos trabalhos do escritor e artista visual durante as últimas décadas, até chegar a um diálogo entre “as duas figuras ficcionais-poéticas extraídas dos livros *Sermões* (2015) e *Adeus, cavalo* (2017)” e os conceitos de *voz* e de *signo*, formulados em proximidade com alguns dos autores mobilizados ao longo do dossiê, sobretudo Lacan no primeiro caso e Maniglier, no segundo. Retomando aquela ambivalência decisiva da voz - entre um chamado como enunciação pura, como abertura à subjetivação de outrem, e um conteúdo subscrito nos restos gordurosos da voz do supereu - Goldfeder vê nas obras de Nuno Ramos a construção de outras cenografias para o problema da inscrição paradoxal do lugar de fundação ausente da lei, da posição vazia que suscita a não-existência de um supremo Pai, ali onde se dá a báscula mencionada entre subjetivação aberta e fechamento superegóico. É nesse lugar que Ramos, sem deixar de encenar distorções narcísicas que confundem essa inexistência do ápice com uma impossibilidade de mundo, sem deixar de vacilar “nos labirintos de um circuito narcísico do gozo”, escava um enigma que abre esse círculo a uma força inesgotável de diferenciação, ali onde, para retomar um mote recorrente de muitos artigos do dossiê, o divino não está no um, nem no dois, mas em algo entre, no meio. Com isso, diz Goldfeder, o artista brasileiro poria em jogo a tentativa de estabelecer um campo prismático de passagens e traduções entre

linguagem e vida, um campo onde as sedimentações históricas e culturais seriam singradas pelas pulsações matéricas e pelas vibrações imateriais que se refratam, proliferando diferentes atravessamentos.

Esperamos que o leitor deste número de *Crítica Cultural* possa experimentar os ensaios que compõem o dossiê precisamente nesses atravessamentos e referências cruzadas, construídos entre os quatro segmentos expostos e seus componentes. Prolongando seus pensamentos no intervalo hesitante ao mesmo tempo dentro e fora da literatura, ensaiando redefinições frente à antropologia, à erótica, à linguística, à psicanálise, à filosofia e a outros saberes, cada uma das quatro seções procurou diferentes combinações do contínuo com o discreto, dos pulsos com as superfícies, entre a voz e suas cenografias, as ontografias e seus sentidos.

BIBLIOGRAFIA

- ANTELO, Raul. “A fala do fora: uma lida”. In: *Desencontrários Unencontraries – 6 poetas brasileiros*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1995, p. 11-17.
- AUSTIN, John L. *How to do things with words*. Oxford: Clarendon Press, 1962.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. “Hétérogénéité(s) énonciative(s)”. *Langages*, 19, 73, 1984, pp. 98-111.
- BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale* vol. I e II. Paris: Gallimard, 1974.
- CESARINO, Pedro. “Corporalidades heterotópicas: montagens e desmontagens do humano nos mundos ameríndios e além”. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 50, p. 157-179, 2016.
- DOLAR, Mladen. *A voice and nothing more*. Cambridge: MIT Press, 2006.
- HARAWAY, Donna. “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”. In: TADEU, Tomaz (Org.), *Antropologia do ciborgue*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 33-118.
- LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- MANIGLIER, Patrice. *La vie énigmatique des signes – Saussure et la naissance du structuralisme*. Paris: Éditions Léo Scheer, 2006.
- MESCHONNIC, Henri. *Critique du Rythme*. Lagrasse: Verdier, 1982.
- NANCY, Jean-Luc. *Corpus*. Paris: Métailié, 2000.
- ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.